

IMPORTANTE:

Para montagem deste texto dirija-se pessoalmente ou por carta à :

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)

RUA DOS ANDRADAS, 1.234 - 14º andar - sala 1.407

Edif. STA. CRUZ - PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL

Código de Endereçamento Postal: 90.000



XX
" O HOMEM QUE FALOU COM O MORTO "
= um episódio do sobrenatural =
Texto original de NEWTON A. ARAÚJO
XX

CERTIFICADO DE CENSURA FEDERAL Nº _____
VÁLIDO ATÉ _____ de _____ de 1.9_____
IMPROPRIEDADE ATÉ _____ ANOS.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SITUAÇÃO:-

Tôda a estória passa-se dentro de um quarto humilde. O personagem central é HEITOR DOS PRAZERES. Um marginal qualquer que de repente tem sua vida modificada por algo elas sifonado de sobrenatural. A época desta estória é atual. Além de vários jornais velhos atirados pelo chão que servem de cama para Heitor dos Prazeres, o cenário poderá ser ornamentado com roupas velhas. No centro do quarto uma mesa, uma cadeira. Uma garrafa e um copo. O que realmente de excepcional poderia ter mais um marginal ?

PERSONAGENS:-

HEITOR DOS PRAZERES
DAMASCENO VILAVERDE

MARGINAL
MILIONÁRIO

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX



Heitor:-

(ENTRANDO EM SEU PEQUENO QUARTO.) Porcaria de vida. Andei o dia inteiro pelo pôrto e nada. Nem um serviço, nem um navio. O dia está quase no fim e não consegui nada para comer. Agora todos devem estar bem alimentados. (SORRI.) A ricaça deve perguntar a empregada: "E O MANOELZINHO ? ALIMENTOU-SE BEM HOJE ? FEZ O SEU DESJEJUM NA HORA CERTA ?" A empregada, com gorriinho na cabeça, unhas pintadas, sapatos talvez de salto alto deve responder: "SIM, MADAME. TUDO FOI OBSERVADO COMO A SENHORA MANDOU".

E eu aqui. Sem comer até esta hora porque quem teve sorte de vir ao mundo foi o Manoelzinho. É... (OLHA AS PAREDES.) Porcaria de vida.

Eu bem que podia dar um jeito nisso tudo. Podia tentar um suicídio. Não ! Poderia matar-me de uma vez. E ia ser um negócio até gozado: eu nos jornais, aparecendo quem sabe, na primeira página. (PEGA UM JORNAL VELHO DO CHÃO.) Tudo estaria aqui na primeira página: "HEITOR DOS PRAZERES SE SUICIDOU". (SATISFEITO.) Puxa... ia ser "legal".

No pôrto por certo todos ficariam admirados. Parece que estou vendo a "cara" do chefe: "COITADO. TINHA UM SERVIÇO PARA ELE AQUI."

Um serviço, se nem comer eu comi. Como se pode trabalhar ? Mas não me suicido, não. Ache que nem no céu me receberiam. (PENSA.) É, dia deste ouvi um "cara" falar que na outra vida tudo é diferente. Decerto o homem já esteve por lá... Como poderia dizer tudo aquilo com tanta certeza ? Depois não posso negar que já cometi muitas coisas ruins. Uma vez cheguei a odiar até minha mãe que me botou no mundo. Ignorância minha: devia de ter odiado meu pai que encontrou minha mãe. E teve lá seus instintos bestiais. Deve estar nos quinto dos infernos agora. Sem todo o seu "ohar-me". E a velha, coitada, andou rolando por aí. Levando muitas declarações de amor. Beijos no sangote. Mordidas na orelha. Mas em tudo isso tem uma coisa: eu fui o único filho. (Ri.) Esse negócio de andar barriguda por certo que não era com a velha. Agora está tudo bem. Sofro só eu. Sem parentes, sem amigos, sem mulher também.

Até que ficou tudo bem. E outra coisa: posso não ter comida, dinheiro, roupas elegantes, mas tenho ruas, calçadas, árvores para ver. Posso sentar-me numa praça e ouvir o cantar dos passarinhos. As mulheres mais belas e elegantes desfilam para meus olhos. Todos os dias. Tudo que é novidade eu vejo: nas vitrines, nas ruas. Até o último carro do governador. No inverno tenho o sol para me aquecer. Se está chovendo uma marquise de edifício serve de abrigo. De noite fico aqui. Neste meu pequeno mundo. Quando tem estrêlas olho para o céu. E fico pensando em tudo que tem lá em cima. No verão é sempre melhor: bebo a água fresquinha do chafariz da praça. Posso rolar pela grama que ninguém repara. (SORRI.) Dia dêste uma velhota deu-me uma "grama" violenta. Fiquei como um milionário. Comprei até um charuto. Com sêlo.

Confesso que naquêle dia caminhei com mais altives, com mais elegância. Talvez até tivesse causado inveja prá muita gente.

(PASSA A MÃO NA BARRIGA.) Fome desgraçada. Essa hora já não arrumo mais nada. O geito é dormir mais cedo. E ter pesadêlos. Sonhar com galinhas, com arroz, com um prato de feijão. (TOMA UM PEQUENO TRAGO.) O Manoelzinho deve estar jantando a essa hora. Pera? Presunto? Tortas? Isso não importa. O Manoelzinho pode ter tudo, mas não tem liberdade. É, não tem liberdade. Eu durmo quando quero e até quando quero. Não tenho hora para comer. Isso é bobagem. Talvez eu seja mais forte que êle. Que tem até um médico velhote. Que dá comprimidos, remédios, injeções. (OLHA PARA A GARRAFA DE CACHAÇA.) Até tã tem mais poder. Não! Não fique admirada. Afinal tã aquece aquêles que não tiveram muita sorte. Só que de quando em vez te vingas também. Pois das uma fome...

É...o Manoelzinho não vive muito bem.

Hoje ví um casal lá na praça. Conversaram, conversaram. Depois um longo beijo. Um abraço também. Decerto vão casar. Ter filhas. Uma choradeira aos diabos depois: "PAPAI, A MANINHA NÃO QUER ME DAR O BEBÊ."

Que vida! De agônia, de correria. Pior que vida de mulher da vida!...

Esse negócio de casamento é gozado mesmo. A gente casa. Vai passando o tempo. A mulher vai ficando velha, pelancuda, feia. E a gente só aguentando: no "caso do peito".

Um dia chega um amigo e a gente diz: "TE APRESENTO: MINHA MULHER." O cara torce o nariz, come se sentisse um cheiro qualquer e a gente "mora" logo. Depois êle sai. Chega na rua e fala para o amigo: "COITADO, ME APRESENTOU AGORA, UMA MÚMIA. NÃO SEI COMO PODE DORMIR COM ELA NA MESMA CAMA. DEVE ANDAR "APAVORADO" MESMO PARA SE SUGUITAR A ISSO".

O outro, que deve estar por fora da "jogada" deve responder: "ÊLE NÃO PODERIA TER COISA MELHOR: COM AQUELA CARA".

Quem dizer: no fim o marido é que tem a culpa.

E tem mulher que não compensa. "MEU MARIDO É UM DESALMADO. IMAGINE A SENHORA QUE ÊLE NÃO SAI DA RUA, CORRENDO ATRÁS DESTAS VAGABUNDAS. Ah, MAS SE DESCUBRO... JURO QUE PARO NA POLÍCIA MAS DOU UM FIM NÊLE."

A outra que por sua vez não quer ficar para trás no assunto, acrescenta: "O DIA QUE O MEU FIZER ISSO, JURO QUE LHE "CAPO".

Volta a primeira acrescentando: "NÃO SE PREOCUPE VIZINHA. NÃO SOU MULHER DE AGUENTAR CERTAS COISAS. JÁ AGUENTO COISAS DEMAIS. PRINCIPALMENTE DE NOITE".

Eu sei: meu pai e minha mãe eram assim. Toda noite era discussão. Só nunca entendi muito bem qual era a do velho: brigava, resmungava, criava casos, e de noite ia dormir com a velha. Na mesma cama. Também, erã só uma cama. No chão êle não dormiria. Nem ela.

Mas bem que poderia dormir para os pés.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(FICA TRISTE RECENTINAMENTE.) Porcaria de vida. Fico aqui falando, falando e não consigo nada. É, o dia hoje não foi para mim. Nem o serviço no porto arrumei.

O Manoelzinho deve ir para a cama agora. De estômago "cheio". Por mim tomara que tenha um enfarte! Que se dane mesmo. Só assim dará trabalho ao médico. Claro: o sujeito estuda, se sacrifica apanhando frio, chuva, calor, vento. Tem que ser recompensado. Ah, se eu fosse médico. Juro que todas estas velhotas, cheias de elegância iam me pagar caro:

"DOUTOR, MEU CASO É GRAVE?"

"NÃO, NÃO É. ESTEJA TRANQUILA. VOU APLICAR-LHE UMA INJEÇÃO NO "TRASEIRO" E TUDO ESTARÁ RESOLVIDO."

"MAS, DOUTOR, O SENHOR NÃO PODE FAZER ISSO"...

"NO TRASEIRO. JÁ DISSE... E VÁ VIRANDO QUE NÃO DOU "BOLA" PARA ISSO".

(PENSATIVO.) Ah, se eu fosse médico. (SONHANDO.) Parece que estou vendo o Manoelzinho chegar com uma "tremenda barriga" todo intoxicado. Faria uma fisioterapia "sizada" e lhe diria: "INTOXICAÇÃO? NÃO SE PREOCUPE, AMIGUINHO. VOU LHE MINISTRAR UM CRISTÉL. VERÁ QUE TUDO SERÁ MAIS FÁCIL".

(RÍ-SE.) Juro que o caso seria até comentado...

(PENSA POR INSTANTES.) Meu pai lá no céu deve se orgulhar do filho que botou no mundo. Meu pai não: minha mãe. O "velho" foi apenas o administrador. Ou será que não foi? (PASSA A MÃO NO ESTOMAGO.) Fome, danada. Com tantos estoragos por aí, logo o meu que foi escolher. Deerto tenho o estômago convidativo. (OLHA PARA O FORRO.) Que horas serão agora?

Até que me passa uma idéia pela cabeça. Eu aqui passando fome, bem que poderia dar uma de faquir por aí. Já que passo fome, poderia passar ganhando dinheiro. Depois saía da urna e estava feito na vida. Poderia até botar uma fábrica de papel. Papel Higiénico. (RÍ-SE.) "legal" esse negócio de papel higiénico. Se eu tivesse uma fábrica juro que faria um rolo de 50 metros só prá mim. Cada vez que eu fosse "lá", juro que ficaria puxando papel até cansar. Só para me vingar do jornal.

É, papel higiénico foi bem "bolado"... Até a marca do papel seria muito original. "Papel Higiénico Cometa": uma carioia na sua sensibilidade... É, mas não sou Manoelzinho. Acho que nem sensibilidade tenho mais. O Manoelzinho até nisso é feliz. Deve ter uma sensibilidade bem tratada. Com talco, cremes. Com amor, com devoção até.

(CHATEADO.) Porcaria de vida. Por mais que eu fale não consigo esquecer o serviço do porto. Aquilo era para mim. E depois até meu tipo físico ficaria desenvolvido. Mas o serviço lá não é para mim. A única recompensa que tenho é que cada vez que venho de lá não chego a me desiludir.

Vejo nas ruas muita gente pior que eu. Aleijadas, cegas, mudas. Gente que nem esperança tem mais. Eu ainda tenho. Tenho sim. Sinto-me bastante mole. Um dia talvez a sorte mude. E depois não adianta se desesperar mesmo. O desespero deve ser a pior solução. (PEGA UM JORNAL DO CHÃO.) Não me esqueci, não. Se eu me suicida-se meu nome sairia aqui. (OLHA COM MAIS PROFUNDIDADE O JORNAL.) Veja só... Esse "cara" que está aqui chegou de

uma volta ao mundo. Como se isso fosse vantagem. Fazer a volta ao mundo de avião até uma criança. O importante seria fazer à pé. (LÊ POR INSTANTES O JORNAL.) Coitado! Está se queixando que não suporta mais a vida. Que há anos não sabe o que é ter paz. Deixa ver: aqui está seu nome... Damasceno Vilaverde. Puxa! Se eu encontrasse esse "cara" estava feito na vida. Sinto até que ele podia me ajudar. (VOLTA A REALIDADE.) Bem, deixa prá lá. Serviço prá mim é no porto. Só não sei como arrumar.

(FICA PENSATIVO.) O Manoelzinho agora deve estar bem "tapadinho". Se é que na realidade ele não seja. Acho até que com um cobertor elétrico. Ah se desse um curto-circuito. (RÍ-SE.) O Manoelzinho saltaria da cama:

"MAMÃE, MAMÃE, SOCORRO!"

A velhota, já querendo entrar em pânico pensaria que o filho estava sendo raptado. Que agitação, meu Deus! Mas o "raio" do Manoelzinho tem ton-



ta sorte, que se o cobertor estivesse com defeito elétrico, faltaria luz. Até que admiro o Manoelzinho.

(PASSA A MÃO NA BARRIGA.) Bicho danado é tripa. Se não come começa logo a "bronquear". Os ricos é que devem ter as tripas descansadas. Tripa de rico deve ser até procurada. É tripa educada. Não entra em qualquer "buraco". Naturalmente elas estão sempre enroladinhas. Quietas no seu cantinho. Sem se preocupar com o que está acontecendo lá fora. Tripa de pobre já é diferente. É agitada, bronqueada, não para quieta. Gosta de aparecer, e as vezes chega a se matar para estar "em todas". Parece até subversiva. Mas não adianta não. Cada um tem que se contentar com a tripa que tem. (PENSA.) Porcaria de vida.

Confesso que por vezes fico meio triste neste ambiente. Mas é porque sou um homem só. Eu acho que as pessoas de quando em vez precisam falar, dialogar com alguém. Trocar idéias até. Uma pessoa só deve ser um "meio morto". Solidão de cemitérios, de madrugadas, de vidas. Muitas vezes a solidão deixa-me triste. É que começo a pensar em muitas coisas que já de via ter esquecido. Coisas que já passaram, que não interessam mais. Mas que sempre voltam. Voltam porque a solidão traz. Eu sei que sou meio "gozado" até. Mas procuro levar a vida com alegria. Muitas vezes tenho que esforçar-me para isso. Mas acho que vale a pena. Se a solidão é tão triste, se trás passagens, épocas, tenho quase a certeza que cabe a nós torná-la mais amena.

Solidão...

Solidão de presídios, de hospitais, solidão de Deus...

Solidão até de amargura...

(TOMA UM TRAGO.) Porcaria de vida.

Eu sou um "cara" que não tenho nada. Mas aprendi a viver muito bem. Para sobre uma casa de disco, fico quieto sobre uma porta, e ouço sempre os últimos sucessos. Até a música dos "grandes mestres". A música faz bem à alma. Deve até descansar o espírito. Se estou com raiva de alguma coisa procuro escutar música. Para me distrair, esquecer.

Ah, e tem outra coisa: até televisão eu assisto. (SORRI.) Ninguém sabe disso, mas sou um fã do "Chacrinha". Não é sempre que posso assistir os seus programas. Por vezes o homem da loja fecha a vitrine mais cedo. Mas não tem importância, não. Sempre haverá outro dia. Eu sou um marginal. Mas minha vida é como outra qualquer. Caminho nas mesmas calçadas que os grandes homens caminham. Respiro o mesmo ar. Apanho o mesmo sol. Estou dentro até do mesmo mundo. E o meu Deus é o mesmo Deus deles também. Respeito as leis do meu País como qualquer cidadão de bem. E como este - BRASIL. Se um dia eu nascer de novo, e puder pedir alguma coisa a Deus, quero que êle me faça brasileiro. Com a mesma vontade de ter um serviço no porto. (BOCEJA.) Parece que o sono vêm chagando. O sono que descansa. Que reconforta. O sono que mata até a fome por horas. Mas amanhã é outro dia: de sol, de gente nas ruas. Amanhã é dia de ouvir as fábricas apitarem novamente. De tentar mais uma vez o serviço no porto. Cada dia que inicia é como uma vida que começa. Por isso não me preocupo. O futuro está aí. Todos os dias batendo à porta. É só a gente aproveitar.

(BOCEJA NOVAMENTE.) O sono está chegando mesmo. Já deve ser tarde. A cidade já deve estar dormindo. E eu aqui. Falando sozinho comigo mesmo. Mas até que foi bom. Estou fazendo uma espécie de prestação de contas - para mim mesmo. E vou dormir feliz esta noite. Pois tenho a consciência tranquila. Durmo com fome, mas durmo em paz. O sono também alimenta...

(DEITA-SE AO CHÃO SOBRE OS JORNAIS.) Porcaria de vida... (ADORMECE.)



=FINAL DO PRIMEIRO ATO=

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SITUAÇÃO:- Ao abrir-se a cortina deste segundo ato, Heitor dos Prazeres ainda está dormindo. No entanto já é dia e dentro de instantes ele vai acordar. O texto inicia-se justamente no momento em que ele acordar e sentar-se em sua cama de jornais velhos no chão.

XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX



Heitor:- (SENTA-SE AO CHÃO AO ACORDAR-SE.) Amanheceu. É um novo dia que começa. (ESPREGUIÇA-SE.) Hoje talvez eu consiga o serviço no porto. É um novo dia que começa. De sol, de céu azul, de esperança. (LEVANTA-SE.) Um novo dia que talvez eu passe sem comida. (REZA.) Obrigado, Senhor, por essa noite tranquila que passei. Obrigado por me dares a paz. E não deixares que eu perdesse a fé, a esperança, o amor que vive dentro de mim. Obrigado, Senhor, por mais esta noite. (FICA DE MÃOS POSTAS.)

SITUAÇÃO:- NESTE INSTANTE ENTRA O DOUTOR DAMASCENO VILAVERDE. E FIGA OBSERVANDO HEITOR POR INSTANTES. HEITOR COMO SE PRESENTI-SE A PRESENÇA DO ESTRANHO, VIRA-SE MEIO SURPRESO.

Heitor:- O senhor ? Quem...que é o senhor ?

Damasceno:- Não deverá lhe importar quem sou. Digo-lhe apenas que vim em paz, e disposto a ajudar-lhe.

Heitor:- Ajudar-me ? Mas por quê ?

Damasceno:- (MEIO SORRINDO.) E não precisas de ajuda ?

Heitor:- (MEIO SEM GEITO.) Bem...quem não precisa de ajuda ? Espere: você é do porto ?

Damasceno:- Do porto ? Não, não sou do porto, homem.

Heitor:- Então ? ...

Damasceno:- Então vim ajudar-lhe se naturalmente quizeres. Sei que você é uma pessoa pobre sem recurso algum. Não quero dizer um marginal. Mas, quem sabe ? Quero lhe oferecer uma vida melhor, de mais conforto.

Heitor:- É, todos querem uma vida melhor, de mais conforto. Até eu sim. Por que iria negar ?

Damasceno:- Então está aí a justificativa de minha presença.

Heitor:- Mas quem é o senhor ?

Damasceno:- Creio que não deve lhe importar isso. Sabe, tenho visto-o - pelas ruas, calçadas. No porto também. Seus amigos, seus companheiros sempre me falam de você.

Heitor:- Meus companheiros...meus amigos...Mas não conheço ninguém.

Damasceno:- Talvez você nunca se preocupasse com isso. Mas digo-lhe que você tem amigos.

Heitor:- De repente fico curioso com sua chegada. Não sei, mas nunca ninguém esteve aqui antes.

Damasceno:- Mas não deves ficar tão preocupado. A única finalidade de minha presença aqui é ajudar-lhe.

Heitor:- Mas em quê ?

Damasceno:- (SEGREDANDO.) Olhe: sou um homem rico. E não tenho parentes e nem amigos. Se queres saber... tenho uma fortuna. E queria deixar tudo para você.

Heitor:- Mas eu ?

Damasceno:- Você !

Heitor:- Não entendo.

Damasceno:- Sabe o que é ? Preciso urgentemente de sua ajuda.

Heitor:- De minha ? ...

Damasceno:- É. De sua ajuda. Tenho tudo isso que lhe falei e não posso tomar mais conta de nada. Estou cansado. De viagens, de aviões, de palestras, de sociedades. Agora vim à sua procura. Porque você é de confiança.

Heitor:- Mas...mas...

Damasceno:- ...mas quero ajudar-lhe realmente. É uma de minhas finalidades. E não pense que foi fácil eu chegar até aqui. Tive de cuidar de muitas coisas. Gentes, etiquetas...

Heitor:- Cuidar de muitas gentes para vir em minha casa ?

Damasceno:- É. Uma série de coisas estranhas que você não poderia entender. Mas o importante nisso tudo é que aqui estou para tratar de meus negócios.

Heitor:- Mas não entendo nada disso.

Damasceno:- Lhe ponho ao par de tudo. Fique tranquilo.

Heitor:- (LEMBRA-SE.) Espere ! Você é o "cara" do jornal ?

Damasceno:- (SURPRESO.) Jornal ?

Heitor:- É. Do jornal. Aquê! que fez a volta ao mundo. Eu li num jornal velho aí do chão.

Damasceno:- Então vejo que já nos conhecemos.

Heitor:- (SATISFEITO.) Puxa !...O senhor em minha casa. Até parece um sonho.

Damasceno:- Bem, como podes ver eu existo mesmo. Até você já me conhecia.

Heitor:- (FIGANDO MAIS INTERESSADO PELO VISITA.) Seu nome é...deixa ver. Ah, sim. (PEGA APRESSADAMENTE UM JORNAL DO CHÃO E LÊ.) Aqui está : "DOUTOR DAMASCENO VILAVERDE". (JOGA O JORNAL FORA.) Pois não, doutor. Sou eu mesmo à pessoa.

Damasceno:- Como é mesmo seu nome ?

Heitor:- O meu ? Heitor...Heitor dos Prazeres.

Damasceno:- Muito bem, Heitor. Sinto que faremos uma boa "transação".

Heitor:- Então será que sirvo ? Quero dizer : para empregado seu ?



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Damasceno:- Você será mais que um empregado. Talvez uma sombra do doutor Damasceno Vilaverde. Se quizeres.

Heitor:- Uma sombra ?

Damasceno:- Você deverá a partir de hoje se possível fazer tudo que normalmente eu fazia.

Heitor:- Fazia ?

Damasceno:- É. Fazia. Porque eu cansei de ser rico. Cansei de muitas coisas. E você deverá assumir meu lugar.

Heitor:- Mas, doutor, não tenho o estudo que o senhor tem. Nem sei viver como o senhor vive.

Damasceno:- Mas o dinheiro é que manda, entende ? Não importa se não conseguires ser igual a mim em minhas ações. Mas você terá dinheiro para dominar. Com dinheiro você terá aristocratas apertando sua mão. Várias cidades, gentes diferentes. Conhecerás outras terras, outros mundos.

Heitor:- Outros mundos ?

Damasceno:- Mundos de festas, de ilusões, de fantasias. De bebidas, de mulheres, de músicas.

Heitor:- Tudo isso ?

Damasceno:- O dinheiro é uma parte deste mundo que falo. Ele pode levar a lugares exóticos.

Heitor:- Mas conseguirei ?

Damasceno:- Conseguirás. Porque eu quero que me substituas. Você a partir de hoje será Damasceno Vilaverde. O homem que pode estar na Alemanha, Na Rússia, nos Estados Unidos.

Heitor:- E o senhor ? Que fara ?

Damasceno:- Ficarei aqui em seu pequeno mundo para descansar.

Heitor:- Aqui ? Sem nada ?

Damasceno:- Isso aqui tem muita coisa, Heitor.

Heitor:- Mas como o senhor poderia viver aqui. Não haveria jeito.

Damasceno:- A quanto tempo vives aqui ?

Heitor:- Não sei ao certo. 20, 30 anos.

Damasceno:- E valeu a pena ?

Heitor:- Pois para mim que consegui me adaptar. E não me queixo muito não. Aqui tem um bom pedaço de minha vida. Estas paredes tem histórias. Estão envelhecendo comigo. Milhões e milhões de palavras minhas devem estar gravadas nestas taboas velhas. E elas nunca me disseram nada. Sempre escutaram tudo: minhas angústias, minhas lamentações.

Damasceno:- Pois agora chegou a hora de trocar-mos. O meu mundo para você. O seu mundo para mim.

Heitor:- Não sei, deixar isso aqui. Um mundo que construí só para mim.



- Damasceno:- Mas estou lhe oferecendo uma nova vida. Estou lhe oferecendo poder. O sacrifício porque passase é agora recompensado. Serás, como disse, minha própria sombra.
- Heitor:- Mas eu nunca saberia como começar. É uma oportunidade fantástica, doutor, mas não sei.
- Damasceno:- Na vida não há meio termo. Ou se é uma determinada coisa ou não se é. Já pensastes neste momento o número de pessoas que sonham com riquezas? Com poder? Muitos entregam-se aos jogos. Outros acham por bem roubar. São gentes que sonham com alguma coisa. Que almejam alguma coisa. São pessoas que colocam o cérebro em funcionamento. E quase todas elas vão morrer pobres. Envelhecidas, quem sabe. Vão morrer sonhando com milhões.
- Heitor:- Mas sinceramente eu nunca sonhei com tudo isso.
- Damasceno:- Todos nós sonhamos. O mundo por si só é um sonho.
- Heitor:- Eu sempre tive um sonho na vida. Não posso negar. Sempre sonhei com um serviço no porto. Mas sabe por que? Porque aquilo lá foi feito para minhas possibilidades. Ali talvez eu conseguisse muita coisa por intermédio de meu esforço. Queria começar a trabalhar no porto como qualquer um. Mas depois queria subir. Eu lutaria para isso. E depois ficaria satisfeito consigo mesmo.
- Damasceno:- Uma pessoa deve ter ambições de nobreza, até. Se sou daqui agora muitos outros poderão assumir o meu lugar. Mas eu escolhi você. Talvez por sua sinceridade, pelo seu jeito de ver as coisas. Com você administrando meus bens, tomando conta de tudo, eu poderia ficar sossegado. Sem ter que me preocupar com o que estava fazendo.
- Heitor:- (PENSA.) Deixar minha cidade. As ruas e calçadas. Deixar de ver o carro novo do governador.
- Damasceno:- Tens é medo de abandonar isso aqui. Mas afinal, o que ganhas-te esse tempo todo?
- Heitor:- Paz, tranquilidade. Aqui ginho todo o dia o sol brasileiro.
- Damasceno:- E isso é tudo? Mas a vida não se resume só nisso.
- Heitor:- Doutor, tudo isso aqui é meu. Todo esse povo que anda pelas ruas me pertence também. É o meu povo pois vive aqui comigo. Nestas calçadas um dia passou meu pai e minha mãe. E as vezes penso ainda que um deles está chegando ou saindo. Nestas paredes está um pouco de mim também. O senhor mesmo quer morar aqui. Mas por quê? Para fugir de seu mundo?
- Damasceno:- Um dia a gente tem que parar. O ser humano é como ~~uma~~ uma máquina: um dia tem que parar. E para mim tanto faz. Escolhi aqui: no seu mundo.
- Heitor:- (ZANGANDO-SE.) Doutor, se me permitir queria ficar só. Preciso sair dentro em pouco. Tenho um serviço no porto. Que poderá ser meu hoje.



- Damasceno:- Você está me mandando embora? Venho aqui lhe oferecer uma fortuna incalculável e você me manda sair? Me põe na rua como um mendigo qualquer?
- Heitor:- (LEVANTA A VOZ.) Mas não é nada disso. Como o senhor sabe eu me levantei a pouco. Já tinha feito planos para sair cedinho. Estou até atrasado.
- Damasceno:- Em outras palavras não me queres aqui. E recusas minha proposta. Cada um tem o que merece. Você por exemplo é pobre. E vai continuar assim até o fim de seus dias. Quando eu sair daqui é possível que você fique batendo com a cabeça naquela parede. E deves mesmo bater com bastante força. Pois cada vez que olhares num espelho, haverá de ver no lugar de cicatrizes, cifrões. E sentirás raiva de você mesmo.
- Heitor:- Mas não há motivo para discussão.
- Damasceno:- Não, não há. E se me permitir entre eu e você nem pode haver mais diálogo. Se me permitir, prefiro me retirar.
- Heitor:- (SEM GEITO.) Pois é... seria melhor que não tivesse acontecido nada disso.
- Damasceno:- Com licença senhor Heitor. Heitor dos Prazeres. (SAI DE CENA.)
- Heitor:- (FICA PENSANDO POR ALGUNS SEGUNDOS.) Porcaria de vida. De repente aparece um maluco dentro de meu próprio quarto. (SOQUEIA À MESA.) Para os diabos com sua fortuna! Até agora vivi sem nada. E depois o culpado por isso tudo ter acontecido sou eu mesmo. Não tinha nada que ler jornais velhos do chão.
- Damasceno:- (RETORNA.) Dá licença?
- Heitor:- (SURPRESO.) O senhor aqui de novo?
- Damasceno:- É.
- Heitor:- Mas pensei que não tivesse-mos mais nada a falar.
- Damasceno:- Lembrai-me de algo ao sair.
- Heitor:- De algo? (OLHA PARA OS LADOS.) Esqueceu alguma coisa?
- Damasceno:- Não quero passar por louco.
- Heitor:- Sim.
- Damasceno:- Escute: posso lhe dar algum dinheiro agora. Para garantir nosso negócio.
- Heitor:- Garantir?
- Damasceno:- Uma prova de que realmente sou rico. E que quero lhe ajudar.
- Heitor:- Mas não duvidei do senhor. E depois li a notícia no jornal.
- Damasceno:- Sei, sei. Mas com dinheiro na mão. O dinheiro é a alma de tudo.
- Heitor:- (ZANGANDO-SE.) Escute aqui: já disse que não tenho negócios com o senhor. E nem quero me tornar um Vilaverde. Eu sou Heitor dos Prazeres e estou muito bem.



Damasceno:- (IRRITANDO-SE.) Olhe aqui, mocinho. Você quer saber de onde vim só para lhe trazer minha fortuna ?

Heitor:- Isso é assunto que não me interessa. Agora é sua vontade contra a minha. E vou lhe dizer mais uma coisa. O seu dinheiro pode comprar muita coisa. Pode comprar até um pedaço de mundo, e outro tanto do universo se estiver à venda. Mas o seu dinheiro não pode comprar à mim. Sim, o seu dinheiro não pode comprar Heitor dos Prazeres, porque eu não sou mercadoria e nem estou à venda.

Damasceno:-)COM ÓDIO SÚBITO.) Pois não sabes do que serei capaz. Todos estes anos sempre lutei para ter todos à meus pés. E você, um marginal, não poderá vencer-me.

Heitor:- Minha vontade não é uma luta.

Damasceno:- Pois para mim é.

Heitor:- Nem estou lhe desafiando. E nem lhe desafio também.

Damasceno:- Queres que eu me retire definitivamente. Pois um castigo você sofrerá.

Heitor:- Castigo ?

Damasceno:- Um castigo que poderá lhe levar a loucura. E lhe tirará de seu mundo sujo.

Heitor:- Não tenho medo de castigos, doutor. E nem de ameaças.

Damasceno:- Ainda irás entender todo meu poder.

Heitor:- Entre nós não poderá haver mais diálogo.

Damasceno:- A hora é chegada. Mas lembre-se que eu tentei por todos os meios.

Heitor:- Estou esperando que saia.

Damasceno:- (AFASTA-SE VAGAROSAMENTE.) Mas eu voltarei. Esteja certo.

Heitor:- Cada vez entendo menos este "cara". Quem realmente será este Doutor Damasceno Vilaverde ? Um louco ? Talvez um louco...



=FINAL DO SEGUNDO ATO=

SITUAÇÃO:- Ao abrir-se a cortina deste terceiro ato, um dia já se passou. Novamente é noite e Heitor vem chegando no seu pequeno mundo. Está só.



Heitor:- Dia puxado este que terminou. De manhã aquêlo louco que esteve aqui e que não pude esquecer. Depois estive no pôrto, falei com o chefe e nada. Mas desta vez ao menos êle me recebeu e dedicou-me alguns minutos. E me prometeu alguma coisa. Acho que alguma coisa está melhorando. Mas não consigo me esquecer do louco que esteve aqui hoje pela manhã. (CONSIGO.) Querendo me entregar sua fortuna. Que faria eu com ela. Acho que não poderia dormir numa cama de "gráfico". As costelas não se dariam muito bem. (PENSA.) Um dia qualquer do ano vou escrever um livro. Um livro de "levantamentos", de depoimentos. De tudo que já me aconteceu. De bom e de ruim. Um livro é uma das coisas mais importantes que um sujeito pode fazer. Quero escrever um livro que dê algum exemplo. Sei lá prá quem.

Quando morrer deixo minha estória aí. Para que o vento leve para as calçadas. Para as ruas que então passei. E os papéis, os muitos papéis escritos por mim devem parar em algum lugar. Numa sargeta? Num canto de Rua? Sobre um muro de uma fina residência? Não faz diferença. O importante é que os papéis saiam daqui. E se movimentarão por ruas que então passei. Se movimentarão por meio de gentes. Talvez mesmo alguém encontre tudo. E fique sabendo que Heitor dos Prazeres existiu. E foi de uma certa forma até feliz. Que sempre desejou algo na vida: um serviço no pôrto. Um livro é importante para um cidadão. Quero escrever um livro, sim. Que fale em poesia, em céu, em estradas. Que fale até em mulher. Uma mulher que minha imaginação criará e que será minha musa inspiradora. Uma mulher feita de bondade, de longos cabelos, de olhos azuis. Quero ter um livro como de poetas. Para falar, escrever coisas simples que muitas vezes me vem na alma. Quero escrever um livro de amor. Amor puro, verdadeiro. De amor sem interesse, sem preconceito. De amor inocente, sem pecado. Quero escrever um livro para ser entregue ao vento. Quero escrever um livro...um simples livro. (TOMA UM TRAGO.) Porcaria de vida...

Já ando meio cansado disso tudo. Não sei até quando aguentarei. Aqui nesta parte em que moro tem as suas vantagens. Logo aí em cima mora a dona Anastácia. Pois lá no terreno dela tem um córrego que "despeja" água dia e noite. Água fresquinha, boa mesmo. Todos aqui conhecem aquilo lá pelo "regão de dona Anastácia." E vêm gente de toda a parte para ver o regão dela. Acho mesmo que é o regão mais famoso por aqui. Muita gente boa queria ter um regão como aquêlo. Aquilo é um regão cobigado, não resta dúvidas. Mas ela merece. Precisam ver como ela trata aquêlo regão. Sempre limpinho, com boa aparência. Eu sou um que não teria tempo para cuidar do regão. Ela pode. Não tem mais nada que fazer. E nem precisa sair de casa. A dona Anastácia ainda vai longe com aquêlo regão. Pode até se fazer na vida.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SITUAÇÃO:- NESTE INSTANTE ENTRA DAMASCENO VILAVERDE. HEITOR FICA AGORA ASSUSTADO COM O RETORNO DO HOMEM, QUE POR CERTO NÃO ESPERAVA MAIS.

Damasceno:- Aqui estou de volta. E vejo que não me esperavas mais.

Heitor:- (ASSUSTADO.) O senhor ?

Damasceno:- Mas desta vez vim cobrar minha dívida.

Heitor:- (ABISMADO.) Dívida ?

Damasceno:- Não disse que voltaria. Veja: o dia já terminou. Disse-lhe também que iria lhe determinar um castigo. Por tudo que aconteceu aqui, hoje pela manhã.

Heitor:- Mas ainda não esqueceu ?

Damasceno:- O que fica determinado sempre haverá de acontecer.

Heitor:- Mas não entendo.

Damasceno:- Ainda continuo pensando que fui insultado neste seu mundo sujo.

Heitor:- Mas compreenda. Estou dentro de minha casa.

Damasceno:- Sua mente haverá de ficar perturbada com tudo que houve hoje pela manhã. E vou fazer-te outra revelação.

Heitor:- Revelação ?

Damasceno:- Não querias saber quem eu era realmente ?

Heitor:- Mas nunca duvidei. Li tudo nos jornais. Na sua frente.

Damasceno:- Mas muita coisa ainda ficou faltando. Revire seus jornais velhos e vá lendo um por um.

Heitor:- Mas para quê ?

Damasceno:- Quero que chegues à verdade. Só ela vai interessar agora.

Heitor:- Mas...

Damasceno:- ...mas vais conhecer tudo. Vamos, revire seus jornais velhos e veja as manchetes. Veja o que as taboas velhas de seu quarto não conseguiram gravar.

Heitor:- (OLHA ASSUSTADO PARA OS JORNAIS NO CHÃO.)

Damasceno:- De que tens medo ?

Heitor:- Ler ? Os jornais ?

Damasceno:- Mas não deves temer nada. Que lhe possa interessar jornais velhos, não é mesmo ?

Heitor:- (ABAIXA-SE E COMEÇA A LER VÁRIOS JORNAIS DO CHÃO.)

Damasceno:- Isso. Continue assim.

Heitor:- (CONTINUA A LER AS MANCHETES DOS JORNAIS.)

Damasceno:- Dentro em pouco encontrarás toda a verdade. E talvez desistas de seu serviço no porto.

Heitor:- (SUSPENDE A LEITURA MEIO TRÊMULO.) Não ! Não leio mais nada. Não podes obrigar-me a isso. Estou dentro de minha casa.





Damasceno:- (AUTORITÁRIO.) Você deve continuar a ler. És um homem que não teme nada.

Heitor:- (COMEÇA A REVIRAR OUTROS JORNAIS.)

Damasceno:- Nada disso ia acontecer se aceitasses minha proposta.

Heitor:- (PARA DE MECHER NOS JORNAIS.) Queres saber de uma coisa? Não vou procurar mais nada. Não vou mais procurar manchetas nenhuma. E podes sair de meu quarto. Isso aqui é uma propriedade particular.

Damasceno:- Nada pode deter-me. E deves ter coragem de continuar a ler as manchetas.

Heitor:- Não tenho falta de coragem. A verdade é que nem sei o que procuro nestes jornais. E adianta-lhe que nada há nêles que possa me interessar.

Damasceno:- Mas quero lhe provar que há. Uma vez em que pelo menos nos tomamos conhecidos, quero lhe provar que tudo que está escrito a meu respeito deve lhe interessar.

Heitor:- Pois não me interessa. Até agora procurei tratar de minha. E queira o senhor ou não, pretendo continuar assim.

Damasceno:- Pois conto-lhe tudo que me interessa que saibas.

Heitor:- Conta?

Damasceno:- (COMEÇA A CONTOAR.) Pois minha estória, em muitos pontos, talvez seja igual a sua. Igual a de dezenas de pessoas. Tive uma infância bastante pobre. Estudei em colégios comuns. Em bairros bastante pobre. Já cedo tive de sair a procura de trabalho para poder sobreviver. Um dia perdi meu pai e minha mãe. Fiquei só eu no mundo. Sem ninguém. E entreguei minha alma ao próprio diabo, se assim quizeres classificar. O que me interessava era poder, dinheiro, mulheres. Queria pisar em cima de toda pobreza porque passei. Um dia, ao cair da tarde, alguém apareceu.

Heitor:- Alguém?

Damasceno:- Uma pessoa diferente. De profundo olhar. De seios opulentos e cabelos perdidos até a cintura. Uma pessoa de porte, de grande altivez. De voz macia, suave, acariciante.

Heitor:- Uma mulher?

Damasceno:- Mais que uma mulher. Uma deusa. Uma deusa diferente de todas que jamais sonhei. Uma deusa de poderes extraordinários. Uma deusa de vontade determinante. Naquela noite, decerto observou minha tristeza ou minha revolta, e determinou minha vida até aqui.

Heitor:- Sua vida?

Damasceno:- Minha vida porque ela mudou todo meu futuro. Não sei bem como aconteceu, mas falou-me de uma grande fortuna em forma de poder. Um dia marcou-me um encontro.

Heitor:- Encontro?

Damasceno:- Não sei bem como lhe explicar, mas o tesouro que ela me oferecia era meu próprio poder. Minha própria vontade. Tudo que fôsse por mim desejado, eu teria a partir daquele instante.

Teatro de Arena
Av. Borges de Menezes, 835
Fones: 226.0212 - CEP 90020-025

Mas nisso tudo tinha um prazo estipulado.

Heitor:- Um prazo ?

Damasceno:- Chegaria o dia que eu deveria passar tudo a outra pessoa.
O dia que não deveria de chegar nunca.

Heitor:- (QUERENDO COMPREENDER.) Então, seu oferecimento ?

Damasceno:- De uns tempos para cá senti que o prazo estava se exgotando. Então como fazer ? Então como fazer para não perder tudo. Não poderia suportar voltar a vida de antes. Um dia, fugi do país desesperadamente. (OLHA PARA O CHÃO.) Pegue aquele jornal e leia com muita calma.

Heitor:- (ABAIXA-SE E PEGA O JORNAL.)

Damasceno:- (ESSE MESMO.) Agora leia a manchete com voz firme.

Heitor:- (LÊ O JORNAL E COMEÇA A TREMER A MEDIDA QUE VAI TOMANDO CONHECIMENTO DO QUE ACONTECEU.) "AVIÃO CAI AO MAR : DENTRE OS MORTOS ESTAVA O CONHECIDÍSSIMO DOUTOR DAMASCENO VILAVERDE". (ATIRA O JORNAL LONGE.) Não ! Não pode ser ! Isso deve ser algum truque seu !

Damasceno:- Isso é simplesmente o preço que paguei por tudo.

Heitor:- (TRÊMULO.) Mas está aqui... você está aqui em minha frente !

Damasceno:- Eu vim apenas para me libertar deste dinheiro maldito !

Heitor:- (GRITANDO.) Saia daqui ! Saia daqui !

Damasceno:- (PARA SÚBITAMENTE E FICA MEIO ESTÁTICO.) Estão me chamando. eu devo partir. Mas não quero ir embora com minha riqueza. (VAI SAINDO DE CENA COMO UM AUTÔMATO.) Eu quero ficar aqui. Eu preciso ficar aqui. Este é o meu mundo... é o meu mundo...

Heitor:- (PEGA A GARRATA DE CACHAÇA E TOMA DESESPERADAMENTE.) Isso não pode ter acontecido. Não pode. Morto num desastre de avião. (RÍ-SE.) Não, nada disso aconteceu. (PEGA O JORNAL DO CHÃO E LÊ NOVAMENTE A NOTÍCIA.) Está aqui. Mas eu sei que é tudo mentira (DÁ LONGAS GARGALHADAS.) Ele morreu mesmo. Ele morreu mas esteve aqui. Mas isso agora terminou. Devo me controlar. Sim, devo me controlar. (TOMA MAIS UM TRAGO.) Tenho certeza que ele não poderá vencer-me. (CAMINHA PARA A PORTA DE SAÍDA.) Vou sair para a rua. Para junto de meu povo. Eles todos ainda estão pelas ruas e calçadas. Eu sei, eu tenho certeza. Nada disso aconteceu. (OLHA PARA O INTERIOR DO QUARTO.) Amanhã eu volto. Hoje não posso ficar aqui. Sinto que a partir de hoje tudo vai mudar para mim. (CHORANDO SAI DE CENA.) Até o serviço no porto será meu.

= F I M =

